

EDITORIAL

2020, v. 5, n. 1

doi <https://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.173769>

Vivemos em 2020 uma experiência coletiva e planetária inesperada provocada pela disseminação do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e da doença por ele provocada, a COVID-19. Há meses estamos confinados em nossas casas encontrando os amigos, trabalhando, pesquisando pelas inúmeras janelas. Janelas das casas e apartamentos, janelas do computador, tablets e celulares, janelas dos sonhos. Estudos apontam para o aumento da narratividade dos sonhos nesse período da Pandemia. Esse extracotidiano singular é doloroso, mas também reflexivo. Para os que puderam estar reclusos foi uma oportunidade de cuidar de si e dos outros. Outros não tiveram a mesma sorte e foram obrigados a continuar a transitar pelo transporte público, pelas ruas, a atender pessoas, viver no limite do medo e da esperança. Outros, ainda, tentaram e tentam apenas sobreviver. Dezenas de milhares de mortos no Brasil e mais de meio milhão no mundo.

A pandemia afeta o planeta como um todo. No Brasil a situação é ainda mais caótica, porque ela escancara a desigualdade desumana desse nosso país continental. Na maior crise sanitária já vivida pelo país, não temos ministro da saúde há mais de dois meses, não temos um governo que decida efetivamente cuidar de seu povo e acenar com um rumo para superarmos essa crise. Muito pelo contrário, a crise sanitária é vivida como oportunidade para uma destruição ambiental que, certamente deixaremos como herança maldita para as próximas gerações. As populações indígenas que há mais de cinco séculos resistem às políticas desenvolvimentistas, terão agora que demonstrar a sua resiliência.

Nesse contexto, pensar na finitude é inevitável. Pensar nas possibilidades deste mundo daqui para frente também. A produção desta quinta edição da Revista *gis* carrega esse movimento de resistência e de esperança. Trazemos para o leitor um conjunto de artigos, ensaios visuais, traduções e resenhas que revelam o quão frutífero e mobilizador está o terreno em que a Revista se propõe a atuar. É um material intenso esse que trazemos. Intenso como a própria vida.

Intensidade é uma boa palavra para definir o que flagramos no trabalho de Carolina Junqueira dos Santos, que compõe a sessão **ACHADOS NA REDE**. O site “Corpo, Lacuna, traço” ao mesmo tempo que trata da finitude, trata também da expansão que vislumbramos pelos restos, traços, índices de existência. O trabalho (texto e imagens) nos arremessa para dentro e para fora, para perto e para longe. E assim seguimos.

Abrimos a sessão **ARTIGOS** com o texto “Filmes como coisas na Índia colonial” de Marcus Banks, uma análise bastante interessante sobre a produção cinematográfica da Índia no período colonial. O argumento central é que, apesar de trabalharem possivelmente com os mesmos equipamentos e linguagem, os filmes produzidos pelos ingleses e pelos indianos são substancialmente diversos e constroem trajetórias igualmente diversas. A produção dessa diferença é demonstrada na análise de alguns filmes e sua materialidade. O autor mobilizou material de arquivo e esse é também o fundo que alimenta a pesquisa de Rodrigo Frare Baroni sobre as imagens produzidas pelo fotógrafo e filósofo cego Evgen Bavcar.

“Evgen Bavcar – autorretratos e as imagens-mancha”, apresenta a leitura de um conjunto de autorretratos na busca pela compreensão de como o fotógrafo constrói a figura ou persona do “fotógrafo cego”. No decorrer dessa empreitada o autor propõe a ideia de imagem-mancha para olhar e pensar essas fotografias. Imagens que nos devolvem uma outra possibilidade de regime de visibilidade (ou visualidade), pois ao dirigirmos nossos olhares esperando encontrar nelas as imagens feitas por um cego, elas nos devolvem a imagem de nossa própria cegueira comum, já que, situadas no limiar da visibilidade, questionam e colocam em disputa nosso próprio imaginário acerca da cegueira.

Em seguida voltamos ao cinema agora para nos debruçar, guiados por Luís Felipe K. Hirano, na obra de um antropólogo e cineasta fundamental para a trajetória de uma Antropologia preocupada com as visualidades. No artigo “O Antropólogo-cineasta e o Nativo-A(u)tor: as transformações de Oumarou Ganda e Petit Touré em *Eu, um negro*, de Jean Rouch”, o foco recai sobre o espaço de criação dos interlocutores de Rouch na feitura do filme em questão. O autor, contudo, extrapola a questão performática e criadora dos personagens para pensar o próprio fazer antropológico de Rouch que transpira pelos filmes e suas brechas interpretativas.

Uma possível história da fotografia de caráter etnográfico no Brasil é trazida por Fabiene Gama no artigo “Antropologia e Fotografia no Brasil: o início de uma história (1840-1970)” onde a autora se debruça em acervos de antropólogos e grupos de pesquisa para, num primeiro momento fazer um percurso de levantamento e sistematização e, num segundo, pontuar possibilidades para pensar desdobramentos para essa produção visual antropológica brasileira.

A questão musical adentra o volume a partir do artigo de Lisabete Coradini “Que samba é esse? Samba e batucada em Barcelona, Espanha”. No texto vivamente etnográfico e apoiado em pesquisa recente (2017 e 2018) a autora trabalha a questão da criação de espaços musicais específicos a partir da cena musical produzida em Barcelona pelos imigrantes

brasileiros. A ideia de transnacionalidade é fundamental para a compreensão desses novos espaços.

A música criando novos espaços de relações também é o foco do artigo “Terapêutica da insistência. A cena de música experimental e o uso do transe mediado pela música como terapêutica contra males causados pelo ethos paulistano” de Renato Albuquerque de Oliveira. No caso específico desta etnografia, a questão é a música usada como mediadora para a busca do transe, estado procurado nesse contexto para tratar da ansiedade, por exemplo. O autor traz no argumento o que chama de ethos paulistano como provocador desses “males” e a experiência musical compartilhada nesse contexto específico, de proximidade entre performer e público, propicia a possibilidade de tratar essa experiência de inadequação a partir da inserção num contexto acolhedor e diverso.

Fechando a discussão do universo sonoro e musical nessa edição, trazemos o artigo “O conceito de Campeiro na música regional gaúcha: uma reconfiguração da ordem artístico/cultural” de Eduard Ferraro. Nesse texto o autor desenvolve uma reflexão sobre a música regional gaúcha e o processo de reconfiguração identificado pelo autor com base no conceito de campeiro.

A seguir temos três artigos que se debruçam sobre objetos, museus e sua agência tanto na própria pesquisa, no sentido epistemológico, como para fora dela, pensando as relações com o mundo que nos cerca.

O artigo de Marta Jardim “Amuletos em cantos dentro e fora do Pitt Rivers Museum: a antropologia que fazemos e a crítica das hegemonias contemporâneas” traz uma complexa discussão sobre o trânsito operado entre objetos mágicos e encantamentos e a produção de conhecimento antropológico a partir da pesquisa etnográfica empreendida pela autora na cidade de Oxford e no Pitt Rivers Museum localizado na mesma cidade. O artigo se coloca de forma crítica diante de categorias de análise e pressupostos reproduzidos pela antropologia e permitidos pela posição ocupada pela disciplina e por suas alianças – muitas vezes silenciadas – com as práticas hegemônicas de produção de conhecimento.

Em “Monumentos religiosos como um novo tipo de objeto: genealogia e presença atual de uma forma de presença católica no espaço”, Emerson Giumbelli traz sua contribuição para o debate sobre os objetos e sua agência no mundo. O autor se pergunta: o que faz um monumento? Diferentemente do princípio memorialista que norteava os monumentos do século XX, o autor sugere que esses monumentos religiosos recentes servem mais para estabelecer certas formas de presença católica no espaço público.

Fechando a sessão de **ARTIGOS** “Entre Mar, montanha e íris do mundo todo: uma aproximação do museu penitenciário de Ushuaia” de Natália Negretti, nos convida a uma reflexão do movimento de construção museal. O que faz com que uma prisão, lugar marcado pela violência seja hoje um espaço de turismo? A discussão se encaminha a partir dos parâmetros dos processos de construção da memória coletiva, dos direitos humanos e da lógica museal.

Na sessão **GIS**, dedicada às imagens e sons, brindamos os leitores com 4 trabalhos muito instigantes que nos provocam a refletir sobre a potência das imagens para o pensamento social contemporâneo.

Geslline Braga, com “Objetos Chucros” constrói, num diálogo entre antropologia e arte contemporânea, um universo de afetos e memórias a partir da composição de restos de insumos de uso de insulina para o tratamento da diabetes com objetos de família como açucareiros e compoteiras.

Bárbara Copque em “As imagens que me faltam” também envereda pela questão da memória, mas aqui, as lacunas conduzem o desafio inventivo de criar memórias imagéticas em uma viagem ao Recôncavo Baiano, a partir das memórias narradas por sua mãe sobre a terra de suas ancestralidades.

Em “Artefatos visuais em manifestações políticas: um ensaio sobre mutações nos modos de subjetivação e ação política entre 2013 e 2018” Henrique Parra dirige sua atenção a uma certa configuração estética e política presente nas manifestações que tomaram as ruas a partir de 2013. Os artefatos visuais que dão materialidade a essa configuração indicam disputas que estão instaladas sobre os modos de agir político contemporâneo.

“Sobre presenças” de Fabio Manzione, é um experimento fílmico sobre os aspectos sensoriais e a presença dos corpos na experiência da Livre Improvisação Musical. Essa experiência cabe numa relação em que os corpos estão separados fisicamente, mas juntos digitalmente pelas redes? Esse é o exercício ao que o experimento nos expõe e provoca.

A sessão **TER** contribui com duas traduções e sete resenhas. A tradução de “Por uma antropologia do corpo” de John Blacking é um esforço de trazer para discussão mais ampla o pensamento do músico e antropólogo cujo trabalho reverbera com mais vigor no campo da etnomusicologia.

“The artist and the stone: projeto, processo e valor na arte” de Roger Sansi explora as diferentes temporalidades entre processo, projeto, e produto na arte contemporânea evidenciando como esses três elementos costumam ser justapostos revelando uma contradição profunda entre arte como uma forma de valor e arte como uma forma de vida.

As resenhas trazem textos e filmes que cobrem um amplo espectro de temas e interesses para a Antropologia e as artes e suas intersecções: a recepção teatral, a materialidade da religião, a fotografia na América Latina, o candomblé, o fogo como uma experiência no cerrado, a estética e as sociabilidades nas barbearias dos bairros populares do Rio de Janeiro e a mobilização dos indígenas no acampamento Terra Livre.

Sintam-se provocados e boa leitura!

ANDREA BARBOSA **ORCID** <https://orcid.org/0000-0003-0399-8171>

EDGAR TEODORO DA CUNHA **ORCID** <https://orcid.org/0000-0001-9749-6126>

ÉRICA GIESBRECHT **ORCID** <https://orcid.org/0000-0003-4134-9543>

FRANCIROSY CAMPOS BARBOSA **ORCID** <https://orcid.org/0000-0003-0064-5995>

JOHN COWART DAWSEY **ORCID** <https://orcid.org/0000-0003-1427-7804>

PAULA MORGADO DIAS LOPES **ORCID** <https://orcid.org/0000-0001-9117-4679>

ROSE SATIKO GITIRANA HIKIJI **ORCID** <https://orcid.org/0000-0001-5038-8435>

SYLVIA CAIUBY NOVAES **ORCID** <https://orcid.org/0000-0002-7415-2010>

VITOR GRUNVALD **ORCID** <https://orcid.org/0000-0001-8299-6830>